

ECONOMIA DO FUTURO

As duas tendências prometem revolucionar a economia nos próximos anos. Conheça os eixos para o desenvolvimento profissional de jovens, da arte à tecnologia e do meio ambiente à inclusão produtiva

Digitalização e sustentabilidade em alta

» JÚLIA GIUSTI*

Quando o assunto é futuro das profissões, duas tendências importantes surgem: a digitalização e a sustentabilidade. A conclusão é do estudo *Futuro do Mundo do Trabalho para as Juventudes Brasileiras*, feito com base na revisão de publicações e entrevistas com especialistas pelo Itaú Educação e Trabalho (IET), em parceria com a Fundação Roberto Marinho (FRM), Fundação Arymax, Fundação Telefônica Vivo e pela aliança Global Opportunity Youth Network (GOYN SP). O tema foi abordado no evento *Trampas do Futuro*, promovido em fevereiro pelo IET em São Paulo.

De acordo com a pesquisa, a crescente digitalização da economia leva à substituição de postos de trabalhos e à flexibilização das relações, abrindo espaço para a busca por alternativas informais e para a criação de novas oportunidades em áreas estratégicas, como tecnologia da informação (TI), saúde e educação. Por isso, é fundamental se atentar às transformações digitais e delimitar meios de adaptação e aproveitamento das novas tendências, como investir em formações interdisciplinares e no desenvolvimento de habilidades relacionais, defende João Alegria, secretário-geral da FRM.

“Tudo muda de forma veloz, não dá para se sustentar em um ponto seguro, porque amanhã pode surgir uma novidade inesperada. Isso cria uma insegurança muito grande, pois a todo momento você está sendo desafiado a se reinventar ou se questiona se seu emprego ainda faz sentido ou vai acabar. Então, você precisa aprender novas competências para lidar com esse universo de influência digital acelerada”, pontua.

Júlia Giusti/ CB press



Theodoro Silva, 19 anos, diz que a formação criativa foi essencial para a inserção dele no mercado formal

Além das transformações tecnológicas, o campo da economia verde é outro eixo promissor no futuro do trabalho. Segundo a pesquisa, o crescimento de oportunidades em energia, turismo e agricultura sustentável é motivado pela mudança em padrões demográficos e de consumo, ainda com influência das atividades industriais, a digitalização e a preocupação ambiental. Somado a isso, faz-se presente a discussão sobre inclusão produtiva, que envolve questões sociais na transição para a sustentabilidade.

“A maneira como produzimos e circulamos bens gera um impacto enorme no mundo do trabalho: formações tradicionais,

fluxos e processos. Então, há uma interdependência entre meio ambiente e o meio profissional. Com isso, a gente precisa considerar que o âmbito coletivo é mais importante do que o individual, pensando na colaboração entre empresas e profissionais, para garantir uma vida produtiva e sustentável”, afirma João Alegria.

Economia

O mercado de trabalho da Economia da Cultura e das Indústrias Criativas (Ecic) engloba os setores de tecnologia, arte, cultura e inovações, gerando riquezas por meio da criação de novas propostas e formatos. De acordo

com um estudo do Itaú Cultural de 2024, a economia criativa fechou 2023, último período analisado, com cerca de oito milhões de trabalhadores, o que representa crescimento significativo em comparação com o ano anterior.

Entre as categorias ocupacionais, as áreas que mais cresceram foram: design (29%), música (24%), desenvolvimento de software e jogos digitais (18%). Somente em 2023, os setores culturais e criativos acumularam a criação de 577 mil postos de trabalho. Outros dados também mostram que, na média entre 2012 e 2020, a Ecic atingiu participação de 2,63% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

João Vitor Caires, fundador e diretor-executivo do Instituto Kondzilla, que amplia oportunidades profissionais e de desenvolvimento humano para jovens periféricos, percebe o potencial desse setor, principalmente, junto aos jovens, porque “o entretenimento, o audiovisual e a música não estão necessariamente atreladas a trabalho, mas se relacionam com o lazer e a identidade”. O profissional acredita que o mercado criativo está ganhando mais espaço por meio de um novo olhar sobre suas possibilidades, e defende recursos para fomentar a criatividade e a inovação.

“A economia criativa no Brasil sempre foi grande, mas eu acho que, agora, estamos olhando para isso mais como um mercado de trabalho do que apenas um setor de menor importância. Quando o país investe nisso, há um ganho social e econômico grande, porque ela remete à identidade nacional e mobiliza empregos. Então, para um jovem se capacitar nesse mercado, ele deve buscar experiências educativas e outras oportunidades de aperfeiçoamento, pois sua formação é multifacetada”, diz.

Theodoro Silva, 19, fez a formação “Escola de Criadores” no Instituto Kondzilla aos 17 anos e conta que a experiência foi fundamental para o crescimento pessoal e o ingresso no mercado formal de economia criativa. Hoje, ele é assistente de direção criativa no instituto e filmmaker vinculado a uma empresa. “A formação foi transformadora, conheci pessoas que me ajudaram a me preparar para o mercado de trabalho e marcaram minha trajetória. Eu não imaginava chegar até aqui se não fosse pela Escola”, compartilha.

Também inserida nesse setor, Andreza Rocha é fundadora e líder do AfrOya Tech Hub, espaço afroculturista que fomenta